CONHECIMENTOS UTEIS.

CONSELHOS D'AGRICULTURA, MANUFACTURAS E COMMERCIO.

496 O assumpto sôbre que hoje chamo a attenção dos leitores, é um d'aquelles que merece largamente tractado e desinvolvido. Eu não posso mais do que suscitar a sua importancia. Quem tem a seu cargo um jornal hebdomadario da extensão e universalidade da Revista e consequentemente que está na obrigação d'escrever incessante e em mui diversas materias, não póde decerto estudar e tractar uma so exclusivamente. Que ésta consideração me valha para merecer a indulgencia dos leitores em todas as minhas faltas.

Os conselhos d'agricultura, manufacturas e commercio; são instituições hoje indispensaveis no estado economico das nações. E se elles são indispensaveis nos outros paizes, que tem certa organização industrial, economico-financeira, ainda mais o são entre nós, que estamos n'este ponto em distancia tam consideravel dos outros povos!

É uma desgraçada verdade que em Portugal não ha amor de classes; ao contrário, ha muitas vezes a *guerra das classes*. Os *guelfos e ghibelinos* da agricultura, principalmente, gladiam se a maior parte das vezes em prejuizo commum e publico. No Ribatejo, por exemplo, o lavrador não so se não soccorre mutuamente, mas até muitas vezes, se póde, não faz escrupulo em promover o estrago da propriedade do vizinho. Isto é tanto assim, que uma boa parte da nossa legislação especial tracta de prevenir, mui seriamente, os damnos que os vizinhos ruraes se podem fazer entre si. Eu não sei se isto é de character nacional; mas o que é verdade é que uma das bençãos dos nossos antigos, a quem lhes fazia bem, era 'Deus o livre de mau vizinho do pé da porta!'

Como quer que seja, o facto existe, e por todos os modos demanda remedio. Ultimamente a creação d'algumas companhias fabris, a das obras-publicas, certa afluencia de capitaes para empresas industriaes, dão esperanças d'uma tal ou qual organização economica do nosso paiz. Ésta porém não póde ser levada a effeito sem a acção governativa. Em nenhuma parte o sería; entre nós é impossivel, sem isso, nem siquer imprehender-se. Não é verdade que n'um paiz, mormente governado pelo systema representativo, seja exclusiva dos governos a felicidade pública: dos povos dependem em grande parte, no *todo* quasi, os ensaios para estabelecimento do seu bem-estar; cumpre aos governos auxilial-os, dirigil-os, e promovel os onde este impulso fôr necessario que venha d'elle. Nós estamos por ora n'este último caso; e estamos assim por um sem número de motivos, dos quaes não é o menor a falta d'illustração das nossas classes agricolas, manufactoras e commerciaes.

Se o governo quer deveras, como eu creio que todo o governo quer, a felicidade pública, deve primeiro que tudo tractar dos meios de a promover. Não ha organização de finanças possivel sem uma previa organização economica. Os rendimentos do Estado não se produzem so repartindo contribuições com melhor ou peior systema; mas sim facilitando aos contribuintes os meios de as pagar. Um contribuinte agricultor paga a decima das suas propriedades, os direitos dos generos que ellas produzem, o transito d'elles, a exportação, e os impostos especiaes de cada genero: paga ainda subsidio-litterario, real d'agua, novos impostos, imposto das estradas, da carne para o municipio, congrua do parocho etc. Ora, que chamem a uma parte d'estes onus: decima de repartição — predial, pessoal ou de maneio — ou lhe deixem os mesmos nomes, será isso coisa muito de ventilar e de preferir para a regularidade e boa ordem da sua cobrança; mas para o pobre contribuinte reduz-se tudo a ter ou não os meios de a satisfazer. É o *to be or not to be* de Shakspeare applicado ás finanças.

Ás vezes vem-me receios de que o estado de desorganização economica em que nos achâmos não acabe nunca. Parece que este estado provisorio, instavel, desgraçado, em que vegetâmos, tem de ser definitivo, permanente, como condição da nossa existencia politica! Um senhorio que não tem recursos para concertar desde os alicerces a sua propriedade que se arruina, vai pondo espeques ás paredes, remendando os sobrados, aliviando o telhado, e sobretudo rebocando muito e pintando o exterior... Oxalá que seja ésta uma vaga declamação que se não possa applicar ao Estado, mas por Deus! quem será tam prespicaz que veja a menor sombra de um systema de governo geral e completo no que respeita á economia nacional? O mal está na base. Hoje faz se uma coisa, amanhan addia-se outra, algumas não se tractam nunca... Como querem que de providencias circumscriptas, sem extensão de vistas, isoladas, sem um pensamento primevo, derivem bens ao paiz? Hoje são as pautas, amanhan os tractados de commercio, n'outro dia as estradas, depois os foraes, que não acabam nunca, o conselho d'Estado, as contribuições; uma vez a companhia do Doiro, outra a dos vinhos da Extremaduras; ora a navegação do Douro, ora a do Tejo; e nada se completa, e nos intervallos d'umas a outras d'estas coisas, esquecem, não se tractam ou addiam-se, os assumptos que com ellas prendem; e por fim tudo se deixa no ar sem um systema d'organização que lhes sirva de base!

Que quer dizer, por exemplo, um addiamento sôbre a questão dos vinhos brancos do Douro? Póde o commercio, póde o paiz com éstas incertezas, com este estado vacillante e provisorio da nossa industria? E o tempo perdido com uma discussão infructosa, juncto ao que levará novamente quando essa questão tornar a ser tractada, que poderia ser applicado n'outras iguaes discussões d'interesse público? Este modo de protrahir as questões, sem lhes dar solução, será uma bonita estrategia parlamentar, mas o que não é decerto, é uma marcha conveniente dos negocios publicos.

As reformas economicas agitam hoje todos os paizes. Na Inglaterra não ha dúvida de que ella se levará a effeito, e na França ha tambem fortes symptomas de similhante questão. Estes movimentos tocam mui de perto o nosso commercio, podem influir poderosamente na nossa industria manufactora e agricula. Quasi todas as coisas tem o seu resultado segundo os bons ou maus principios d'ellas. Se deixâmos perder a occasião, se nos não prepararmos para esses grandes movimentos economicos, se deixarmos cahir a pedra em cima de nós como o estoico impassivel, ai da nossa prosperidade e da nossa existencia economica, ferida incuravelmente!

O paiz não se move. A nossa nação não conhece siquer ainda a vida economica das outras nações: existe porque existe; é como uma planta parasita agarrada ao tronco da existencia social dos outros povos. É necessario que o sopro da vida venha d'alguma parte dar-lhe animalidade. O governo deve ser o Pygmalião d'esta estatua: perfeita em todas as suas partes quem lhe der vida dá uma verdadeira nação ao mundo; e a vida de Portugal está na pasta dos ministros.

Mas o governo, o parlamento, precisam ser illustrados, aconselhados, dispertados pelas ideas organicas, sensatas, necessarias para promover a felicidade pública. O que eu tenho dito até aqui teria ligação com outros muitos ramos d'organização economica; mas não posso hoje fallar mais do que n'um. É a creação de *conselhos d'agricultura, manufacturas e commercio*. É uma idea que suscito, cuja utilidade é bem escusado demonstrar. São estes corpos que hoje se criam e desenvolvem em toda a parte, sem cujas consultas o illustrado governo de França nada se atreve a propôr ao parlamento sôbre objectos que á industria respeitem. O governo por todos os modos deveria querer, mesmo por conveniencia propria, independente da publica, estes corpos consultivos, que não so fossem ouvidos em todos os assumptos d'organização economica, mas tambem tivessem obrigação de os suscitar e promover. Em cada uma das provincias do continente, ilhas, e divisões ultramarinas, deveria haver um d'estes conselhos, pouco numerosos mas escolhido com o maior escrupulo; um deputado de cada um d'estes conselhos, seu agente e correspondente, fariam em Lisboa um conselho central; um commissionado do governo perante cada um d'estes conselhos completariam a organização d'estes, segundo a concebo.

Um das faltas essenciaes da nossa organização social, é a deficiencia de conveniente legislação especial para cada uma das diversas provincias ultramarinas que formam o complexo das nossas, ainda hoje vastas possessões. Seriam as propostas para ésta legislação um dos primeiros trabalhos a encarregar aos respectivos conselhos.

Não se diga que a organização das chamadas junctas de districto, póde supprir n'alguma parte a creação dos conselhos de que tracto. Não so pela sua creação, os não supprem; mas eu concebo coisa em maior escala e mais vasto plano. Alem d'isso, se estes corpos que lembro fossem creados, seria necessario que nascessem logo robustos e cheios de vida, e que ésta lhes fosse alimentada, dando lhes por obrigação d'existencia singular, o dever d'alimentar o *fogo-sagrado* á maneira das vestaes. Quantas instituições não definham e morrem por ahi por incuria propria e falta d'estimulos! Em quanto a mim, um dos meios mais efficazes para sustentar a vida de similhantes instituições sería dar-lhes obrigações a cumprir. Uma das primeiras d'estas obrigações poderia e deveria ser a confecção d'estatisticas, de que o proprio governo carece, e sem as quaes não póde haver paiz bem administrado, porque ellas são hoje o principal indicador de todas as providencias d'organização pública.

IRRIGAÇÕES.

497 Com referencia ao assumpto do artigo — *Melhoramentos agrarios*—da Revista n.° 39, e ao plano lembrado por M. Roberto Peel para a Inglaterra, sobre os meios d'irrigação, que sem duvida farão mais do que duplicar a producção de qualquer terra — lembra-me offerecer á consideração do publico, o muito que nós poderiamos fazer, e facilmente, a bem das producções agriculas do nosso paiz, creando ou augmentando os meios da irrigação.

Outras occupações não me deixam logar de desinvolver a materia, e em parte, não poderia entrar em promenores.

Todos vemos por nossos proprios olhos, que muita agua dos nossos rios corre perdida até ao mar; e que seria de uma utilidade immensa se com ella se regassem e criassem fructos na estação do verão — fructos que se não dão pela aridez dos campos. O nosso Tejo entra em Portugal n'uma elevação de terreno superior a todo o Alemtejo; tirando um canal pela margem esquerda, a começar abaixo da foz do rio Sever — quantas aguas fossem derivadas do Tejo poderiam seguir qualquer direcção pelas vastas planicies d'aquella provincia, a cujas terras, para serem fertilissimas, nada falta senão a agua.

Uma empresa, sem muito custo pecuniario (talvez menos da quarta parte do custo provavel da valla da Azambuja, e que enorme differença em utilidade publica!) poderia fazer este interessantissimo aqueducto de derivação, obtendo apenas a faculdade das expropriações, pouco dispendiosas por terra de charneca a maior parte, ou todas de pouco valor — e a mesma empresa teria consultado os seus interesses particulares, porque vendidas as aguas por *anneis*, ou outra medida como *onças* etc., e emfim como se vendem nos canaes que servem para navegação e irrigação junctamente, acreditâmos que haveria amplo premio dos seus capitaes. Apontâmos este so exemplo como o maior, mas não é o unico, porque em outras partes e n'outros rios, se pódem fazer obras utilissimas.

Além d'estes canaes, sem intender com os rios, onde para a navegação poderiam fazer falta as aguas derivadas pelo modo sobredito, não havendo n'elles canaes lateraes de navegação, que com pouca agua se alimentam — falta todavia que não deve fazer objecção por que é mais util regar uma extensa provincia, do que o póde ser a navegação de um rio em tres mezes de verão unicamente, e esses ainda não completos—lembro ainda outro expediente para o mesmo fim, e que cada um proprietario pode usar, sendo medianamente abastado, e ao qual o nosso paiz cuberto de *monticulos e ravinas* eminentemente se presta. As aguas cahidas de inverno sôbre a terra escorregam brevemente para os rios e de lá para o mar. Quando se conseguir prender uma ampla porção em logar apropriado poderá usar-se d'ellas, de verão, para as irrigações. Onde a terra faz uma *ravina*, estreito valle entre dois pequenas serros, não ha mais do que atravessar de um a outro lado um forte muro bem cimentado, deixando-lhe no fundo um registro para se poder vasar em tempo e porções convenientes, as aguas de um arroio, ou outras, que no inverno alli se conduzem, e bastam para formar um lago (a que os hispanhoes chamam *charca*) que além d'isso póde ser piscoso; e quando vem o tempo calmoso um so d'estes lagos bastará para regar repetidas vezes muitas geiras de terra que sem isso nada produziriam.

Escrevo sem levantar a penna, desculpem-se-me as incorrecções, bem como não expender mais o assumpto de que apenas dou os topicos, porque realmente me falta o vagar.

Um Lavrador da Provincia.

MOINHOS FLUCTUANTES.

498 Está definitamente constituida a companhia dos moinhos-fluctuantes no Tejo e affluentes, os seus estatutos foram approvados pelo govêrno e brevemente serão publicados: o escriptorio da companhia é na rua do Alecrim no local onde estava o escriptorio da companhia Bonança: cons a nos tambem que as acções ja estão todas tomadas e que se vai brevemente pedir a 1.ª prestação a qual não excederá a 2 por 0/0.

Tres fins se propoem á companhia todos de grande transcendencia e de grande interesse para si e para o paiz: aproveitar a corrente do Tejo como fôrça motriz, aperfeiçoar a moagem dos nossos cereaes, e promover a sua exportação.

A agua é decerto de todos os motores aquelle que apresenta maiores vantagens em toda a parte, e muito principalmente em Portugal onde o carvão-de-pedra vem quasi todo de fóra e por um preço subido. Muitas applicações portanto poderá ter este motor n'um paiz onde a industria está atrazada, e na bella localidade do nosso Tejo, cujas margens são tão productivas, e em cuja foz está Lisboa, com o seu magnifico porto de mar.

A moagem dos cereaes tem tomado ultimamente em todos os paizes um desenvolvimento extraordinario, as mós, as differentes machinas para limpar e ventilar o grão e peneirar as farinhas, emfim todos os ingenhos de que se deve compôr um moinho, teem sido estudados e aperfeiçoados pelos mais habeis ingenheiros. Os nossos moinhos geralmente são construidos por carpinteiros, e escusado é dizer que muito imperfeitamente; além d'isso a nossa moagem é muito cara por causa da grande despeza de transportes, e o pequeno resultado que dão os moinhos. N'este ramo de industria como em muitos outros, a centralização é indispensavel porque sem ella não se póde conseguir a baratesa e a perfeição.

A exportação dos trigos hade ser brevemente, se continuar o desenvolvimento da nossa agricultura, um dos ramos importantes do nosso commercio exterior; nos outros paizes o commercio dos cereaes, apresenta maiores vantagens sendo a exportação feita em farinhas, e em Portugal é indispensavel ésta condição porque temos trigos rijos que difficultosamente se podem moer nas mós extrangeiras; além de que o commercio com as nossas colonias que por tantos motivos nos deve pertencer, so se póde fazer em farinhas.

Ésta companhia virá a ser por consequencia de incalculaveis vantagens para a nossa industria agricula e commercial.

* * *

PARTE LITTERARIA.

DA POESIA POPULAR EM PORTUGAL.

III.

Poesia popular de Portugal e suas diversas epochas desde o principio da monarchia até hoje.

499 Póde-se dizer que so hoje conhecemos a litteratura dos trovadores d'onde a nossa descende, ou com a qual se ligou estreitamente quasi desde o principio da monarchia e pouco menos que do comêço da lingua.

E viesse ella por Catalunha e Aragão, e, atravessando d'ahi a Castella, a gaia-sciencia nos viesse ter por Galliza, — ou directamente nos chegasse com o conde D. Henrique, o certo é que nos primeiros reinados da monarchia nós trovavamos ja á provençal; e ahi está a carta do marquez de Santilhana para fazer fé, que primeiro e melhor que ninguem o fazemos em todas as Hespanhas, e que na mesma côrte de Castella o portuguez era a lingua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provençal quando ca chegou e se aclimatizou tam depressa como em chão seu proprio, não acharia nenhuns restos da poesia indigena que ja os romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com elles e adoptou a sua lingua, que não consta que morresse, assim como não morreu a lingua, com o senhorio godo, nem era para acabar sob os arabes, que antes esses lhe dariam de sua côr oriental e phantastica, segundo em tudo os mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestigios d'essa poesia indigena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contacto de tantas invasões sociaes e litterarias, nos singelos poemas narrativos que, é certo, mais abundam em Castella do que entre nós, mas de que ainda nos resta alguma coisa todavia.

Como porém so no seculo XIII começa a apparecer lingua portugueza propriamente ditta, e n'esse tempo ja o stylo provençal tem o predominio, as duas litteraturas da côrte e do povo nos apparecem extremamente confusas. Demais a tudo o que nos vem nos cancioneiros de D. Diniz e de Rezende, não é possivel assignalar epocha nem aproximadamente certa.

Ás apalpadellas, quanto aos periodos mais remotos, eu parece-me achar, comtudo, que a peesia original portugueza — comprehendendo n'esta designação a aborigine, a provençal e a mixta — tem passado por oito phases differentes,

cujas transições e duração constituem sette epochas naturaes.

Na primeira collocarei tudo o que mais ou menos authentico, tem parecido ser anterior á predominação da eschola provençal quasi absoluta no reinado de Affonso III e D. Diniz; e comprehende portanto as poucas e incertas reliquias que se dizem existir dos seculos XI e XII. Na segunda epocha ja pisâmos terreno historico, e somos alumiados por um grande e inquestionavel documento, o cancioneiro ditto do collegio dos nobres. Dura ésta epocha até D. Pedro I. E alguma coisa portanto poderemos tambem ja haver do cancioneiro de Resende. Mas certo e fixo tudo é lyrico, são canções ou cantares. O pouco de epico, ou romance narrativo que se attribue a ésta epocha é puro adivinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escripto. (Sec. XIII.)

Começa a terceira epocha em D. Fernando com a introducção do gôsto inglez, isto é, normando; e por consequencia com uma certa reacção a favor do genero narrativo.

Aqui triumpha a moda dos romances da Tavola-redonda; El-rei Arthur é o typo de toda a cavallaria e de toda a poesia; o condestavel, o Mecenas d'ésta eschola, e D. João I o seu Augusto. Ja na tradição oral apparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem attribuir a ésta epocha. Da rainha D. Philippa, de seu filho D. Duarte temos versos escriptos e authenticos; de seu neto, o outro famoso condestavel, um cancioneiro inteiro.

Nos reinados de D. Affonso V e D. João II predomina o genero germanico, os romances de Carlos-magno na poesia epica. No cancioneiro de Resende e em outras collecções temos exemplares bastantes tanto no genero lyrico, como no narrativo. Reputo fexada a epocha com o termo da edade-media, que todo o mundo colloca por ésta data pouco mais ou menos, e que nós portuguezes positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II. (Sec. XIV — XV.)

A quarta epocha é aberta por Bernardim Ribeiro e Gil-Vicente. Agora o Palmeirim e a litteratura bizantina triumpha. Ainda ha sabor normando nos nossos romances, mas ja começam a ganhar influencia os romancistas italianos. Parte do cancioneiro de Resende pertence tambem ja a ésta epocha: é todo d'ella o mesmo Garcia.

Apoz o gôsto italiano vem o da renascença da litteratura classica. A poesia culta e da côrte perpetuamente se separa da popular, toma as fórmas italianas e triumpha com Antonio Ferreira. Sá de Miranda fica no meio das duas escholas, Camões populariza o genero classico repassando-o quanto era possivel do gôsto popular. Temos muitos romances, lendas e canções d'esta epocha, tanto escriptos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de João III a affectação bucolica invade o proprio romance que despe a malha e depõe a lança para vestir o surrão e empunhar o cajado de pastor. O gôsto popular mal satisfeito com a eschola classica dominante na côrte, lança-se mais no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza epica lhe agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalizam entre nós.

O genio cavalheresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom ao romance historico e aventureiro. Conclue-se a quarta epocha com o fim do seculo (XVI) e da independencia nacional.

O dominio castelhano e a mais forte influencia da sua litteratura formam a quinta epocha. O genero mourisco tinha tomado posse da poesia popular de Castella, e agora invade a de Portugal. Apparecem ainda hoje na tradição oral limitações e traducções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois D. Francisco Manuel de Mello estão á frente d'esta eschola. A arcadia é comtudo mais forte do que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o genero pastoril triumpha. O povo porém ficou espectador desinteressado n'estas luctas; nem chorou pelos vencidos, nem sanccionou a victoria dos triumphadores. Nem uns nem outros fallavam ao seu coração, ás suas paixões, nem o consolavam em suas desgraças nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia, o nosso povo foi achal-a onde nem os grandes nem os sabedores do tempo decerto imaginavam que ella estivesse, mas estava a verdadeira a unica nacional d'então, a das trovas e prophecias que lhe fallavam de um libertador de um vingador, de um salvador que a Providencia tinha reservado á nação portugueza em quem se haviam de cumprir as promessas de Campo de Ourique. São d'este tempo as prophecias do Bandarra e outras que em si resumem quasi toda, ou toda a poesia popular da epocha, se exceptuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora apparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porém não estava morto, so desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a côrte mos-

trou-lhe ao principio agrado e protecção, mas infastiou-se d'elle e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente commum dos baixos *parvennus* e dos nobres degenerados, fez-se truão e bobo, os gracejos, os equivocos, as facecias burlescas foram as suas armas, e á fôrça de ridiculo conseguiu reconquistar alguma attenção do público. Tal o achâmos no fim d'esta epocha, tal apparece nas volumosas collecções do tempo de que na Phenix renascida ha alguns exemplares curiosos. (Sec. XVII.)

Sem melhorar ou talvez empeiorando de stylo, mas muito alterado o tom, torna o romance a rehabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quasi-popular, porque se inspira do genio redivivo da nação para cantar os seus triumphos e a sua gloria na expulsão dos castelhanos e nas contínuas victorias que sôbre elles alcança. O seu enthusiasmo porém é sem dignidade, sem nobreza; não é o povo que conta as suas victorias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua gloria e que o não sabem fazer senão com motejos grosseiros aos seus inimigos vencidos. — As prophecias e as legendas continuam a ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido pelo mau gôsto dos *cultos*, que arregimentados em uma infinidade de academias dos mais extravagantes e affectados nomes conseguem tirar toda a côr á litteratura portugueza de todos os generos, e fazer da lingua uma algaravia affectada e ridicula vaa de toda a expressão e assoprada em tam descomunes phrases, em tam oucos conceitos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tam absurdas coisas escreviam. (Sec. XVII — XVIII.)

A. G.

HISTORIA DE PORTUGAL

PELO SR. A. HERCULANO.

(1.° vol.)

(Dum plura nitent.
Hor)

500 Uma das coisas de que mais carecia a litteratura portugueza era d'uma historia patria que este nome merecesse pela sua singelesa, verdade e correcção. Entre os litteratos portuguezes nenhum se podia achar com mais predicados para tam grande empenho pelos seus grandes conhecimentos, espirito investigador, paciencia litteraria, erudição antiga, e elegancia de estylo, sem fallar nas circumstancias particulares da sua posição, como o Sr. A. Herculano, que é um dos maiores ornamentos da nossa litteratura. E comeffeito o seu 1.° volume da Historia de Portugal veiu satisfazer os desejos que havia de tam grande empresa, porque é na verdade um monumento de gloria para seu auctor quando se observa o estylo simples e ameno da sua exposição, a clareza de idéas com que, quasi nos põe diante dos olhos os tempos antigos desde e dominação goda, e o critério com que combina os documentos da antiguidade. Não sou eu o que menos me felicito por tam patriotico presente feito a ésta nação, e não o posso mostrar melhor do que expressando os meus sinceros votos para que o nosso historiador leve a cabo a sua digna empresa.

Estas puras expressões de admiração por uma obra tam salutar, não tolhem todavia de fazer alguma observação sobre differentes pontos talvez de opinião, talvez de preocupação, ou demasiada veneração pelo que em nós possa reflectir de algumas recordações antigas.

Antes de entrar no corpo da sua obra, cujo fim é historiar a monarchia portugueza, apresenta o Sr. A. Herculano como preliminar na sua introducção, cujas segunda e terceira parte são admiraveis, a existencia antecedente dos povos, que formam a actual monarchia, e as vicissitudes porque passaram até n'ella se encorporarem.

Ahi cercado da obscuridade dos tempos remotos, que offuscam a origem de quasi todas as nações, observando a multiplicidade de povos ou tribus, que os escriptores gregos e romanos assignam a ésta região, as colonias e transmigrações, que aqui se vieram assentar, as invasões subsequentes dos carthaginezes, romanos, germanos e arabes, é levado pelo seu espirito analysador e exigente de documentos a asseverar, que não nos podêmos chamar descendentes dos lusitanos.

Sinto dizer que me não convencem sôbre este ponto as suas observações, e antes me persuado que aos portuguezes, e só aos portuguezes, compete essa denominação.

Strabão, que entre os geographos antigos é o que estreita mais os limites da Lusitania, diz que era cingida pelo Tejo, e ao Oriente pelos carpetanos, vaccaios, vettões e gallegos, e por consequencia temos compreendidas n'esta demarcação as provincias todas da Beira e Extremadura, e ainda que Plinio diga, que contava quarenta e cinco povos differentes só na Lusitania, não se segue que todos estes povos não fossem lusitanos, ou pertencessem á Lusitania, como se infere do mesmo modo porque se expressa.

Mas ou os lusitanos fossem em geral todos os povos da Lusitania, e que especialmente tomasse cada um seu nome particular, segundo a localidade das povoações ou qualquer outro accidente, ou mesmo por conquista ou transmigração de outro povo, que a este se viesse reunir, e que escolhendo uma localidade a distinguisse com o nome de sua nação ou tribu; ou que estes lusitanos ou lusões (celtas, scytas, indigenas ou o que os antiquarios melhor queiram) fossem subjugados pelas diversas tribus; ou fossem elles os conquistadores d'ellas; ou que entre ellas viessem estabelecer colonias e depois se fizessem preponderantes, o que é certo e unicamente vem para o ponto, é que a Lusitania, que a historia nos transmitte, não comprehendia menos que o territorio entre o Douro e Tejo; e como este forma o centro, e base principal do moderno Portugal, não póde este deixar de reconhecer os seus habitadores como os descendentes dos lusitanos, pois os accessorios são sempre absorvidos pelo principal; nem tam pouco poderia a Extremadura hispanhola arrogar-se o titulo de Lusitania, porque na

moderna demarcação de Portugal ficou alguma porção da Lusitania fóra dos seus limites.

Mas Ptolomeu, Plinio, e Plotino annotado por A. de Resende extendem o territorio lusitano entre o Dunis e o Anna, em abono dos quaes se apresentam muitos monumentos bem conhecidos e entre estes citarei o seguinte da cidade de Evora extrahido de Resende:

« Luccius Silo Sabienus bello contra Viriatum »
« in Eborensi *provinciæ lusitanæ* agro... multi- »
« tudine tellorum confossus ad Caium Plautini »
« cum Prætorem delatus, hic sepultus est. »

D'onde se conclue que não so antes de Augusto, mas antes de se estabelecer a dominação romana (bello contra Viriatum) as tres principaes provincias de Portugal, Beira, Extremadura e Alemtejo (Eborensi provinciæ lusitanæ agro) eram a antiga Lusitania historica, e monumental; não podendo ser despojada d'este titulo porque outros fragmentos da Gallizia e Algarve (gallecios e cuneos pela maior parte) lhe estão reunidos.

Tambem dissentimos do Sr. Herculano quando diz que toda a Andaluzia e Extremadura hispanhola se podiam arrogar o titulo de lusitanos, porque na divizão de Augusto comprehendia a provincia assim chamada todo este territorio. Este caso é diverso porque n'esta divizão de territorio não se importou Augusto com os limites de cada povo, mas com os que mais facilitavam o governo da republica, reputando como um so corpo politico tudo o que obedecia ao poder romano, como se robora com a divisão do imperio em quatro perfeituras no tempo de Constantino, chamando prefeitura das Gallias á reunião da Hispanha, Gallia e Bretanha em um so govêrno; e assim tendo de dar um nome á provincia, que era formada de varios povos, designou-a com o da mais considerada, até porque esta entrava toda na nova divizão, e as outras em fragmentos; e tanto assim é, que quando na citada divizão de Constantino recebeu a Hispanha nova divizão territorial em dioceses e provincias, tornaram estas aos seus limites, separando-se a Lusitana, a Galliza e a Betica; do que se vê que nunca estas ultimas se confundiram com a Lusitania.

Quando fallo de lusitanos, não intendo, como ja dei a conhecer, os lusitanos tradicionaes, mas os lusitanos historicos, que pelos phenycios, carthaginezes e romanos, foram tam conhecidos, e transmitida com honra até nós uma parte da sua historia; d'estes lusitanos de Asdrubal e de Annibal tam famigerados nas guerras de Italia e batalha de Cannas, d'estes lusitanos de Viriato e de Sertorio é que affirmo se nos não pode negar a descendencia e representação, convindo com o Sr. Herculano na obscuridade da sua historiá para além d'essas epochas.

Em quanto ás observações tiradas da — raça — e — lingua — porque ja fallei do territorio, apenas posso concluir, que soffreram as vicissitudes de todos os outros povos que constituem as nações modernas.

Raça. — Se o illustre auctor quer concluir, que da successão de invazões, que apresenta, se segue que não temos origem dos lusitanos; é esta uma consequencia, que se pode tirar para todas as nações sahidas do imperio do occidente: ex: A França não é de origem gaulleza, porque a invadiram os romanos, os francos, os lombardos, os cymbros, os godos, alanos, suevos, wandalos, africanos, normandos, toringios e inglezes. Os inglezes não seriam bretões pelas mesmas causas etc. etc.; e a difficuldade, que nota, de conceber uma relação commum entre nós e os lusitanos, é a mesma, que entre os gaullezes e os francezes, os bretões e os inglezes.

As raças misturam-se, mas não se extinguem, e por maior que seja o numero dos invasores sempre é muito menor, que o dos povos invadidos. N'essas mesmas guerras, chamadas de exterminio, nunca este se exerce, senão em uma ou outra povoação, a massa permanece, reproduz-se, alliando-se com os extranhos, mas continuando a sua representação, como acontece nas familias. Os godos, romanos e arabes, invadiram e permaneceram; quer dizer: que na nossa representação luzitana temos avós arabes, godos e romanos; assim como os inglezes os tem normandos, por quem foram ultimamente conquistados, e os dizemos bretões; e se os godos chamavam romanos a todos os hispanhoes, que não eram de raça goda, é porque seguiam uma regra geral e commum, chamando romanos a todos quantos antes da sua conquista pertenciam ao Imperio Romano, e não por julgar extincta a raça dos hispanhoes em consequencia da conquista romana.

Lingua. — Não concluem tambem os argumentos tirados de não fallarmos a mesma linguagem que os antigos lusitanos, pois nada ha mais variavel do que esta, e subjeita a alterações no decurso de seculos: e o que se diz da lusitana, ou turdetana, póde dizer-se da gaulleza e da bretan. O fallar-se latim durante a dominação romana não prova que não fosse uma mistura da nacional: e ainda que o não fosse menos provava que se fallava latim porque se extinguira a raça hispanica. Estas linguas, no meu intender, e successivamente depois as dos conquistadores germanos e arabes, misturaram-se todas, predominando a latina como mais policiada: e finalmente o renascimento da litteratura classica foi quem lhe deu o perfilhamente de latina que hoje possue na sua maxima extensão.

Parece-me tambem que o epitheto de — Selvagens — aos povos da Hispanha, quando foram invadidos pelos romanos não é muito proprio; não eram sim tam policiados como estes; mas exerciam as artes, tinham uma gramatica, e as suas medalhas anteriores aos romanos, com characteres desconhecidos, mostram que o desenho e preparação dos metaes eram não so iguaes, mas até superiores aos dos invasores: e basta cunhar moeda para prova de civilização.

Não são éstas ideas toscamente emittidas, um juizo critico á bellima empresa do Sr. Herculano, seria eu um pessimo avaliador de tam solido trabalho; apenas em um objecto que o illustre auctor abandonou á opinião por falta de provas, me animo a corroborar a opinião, que deu por menos provavel, por lhe parecer que não podia com irrefragaveis documentos demonstral-a.

De passagem observarei tambem, que um auctor não póde desprezar de todo as tradições para dar inteira fé a documentos, quando estes não tem todos os characteres que a mereçam, senão em parte. Faço ésta observação por occasião de ler a tomada de Lisboa. As cartas de Arnulfo e Dodechino, por onde, quasi so, sabemos a descripção d'aquelle cerco, pede a herme-

nentica que se repare, que foram escriptas por extrangeiros que n'elle se acharam, e como taes ávidos de gloria, como se deve suppor, para si e para os seus, pois por serem coevos não os devemos suppor exemptos das preocupações ordinarias d'aquellas gentes de guerra; não sendo de suppor que os portuguezes nada fizessem em tam grande empresa, e apenas se vejam subindo a uma torre de madeira para d'ella sahirem tremendo, e subirem os extrangeiros em seu logar! Do que se vê que os dois extrangeiros escrevem as suas façanhas arrogando se toda a gloria; os nossos ativeram-se á simples tradicção.

O combate de Sacavem por não vir nas citadas cartas não se segue que não existisse, antes tem toda a probabilidade e até quasi necessidade de existir.

O auctor, recorrendo á topographia do paiz, e ao estado d'aquella sociedade de então, traz aos justos limites varias exagerações dos nossos chronistas. É usando dos mesmos meios, que podia deixar de regeitar ésta tradicção. Entre Santarem e Lisboa havia povoação moira. Lisboa era a sua cidade principal. Que coisa mais provavel que entre ella e os christãos haver um ponto fortificado que lhe servisse de atalaia, e na occasião de um cerco tolhesse o passo aos invasores? E que ponto mais apto para isso do que Sacavem?.. Uma vez que os nossos não escreveram a historia do cerco de Lisboa, so a tradição podia conservar alguns factos, porque alguns havia de haver. Os extrangeiros não escreveram senão o que com elles passou. *D. S. M. de Vilhena Saldanha.*

BERNARDIM-RIBEIRO.

SOLAO.

501 Ao lermos nos numeros d'esta REVISTA o excellente artigo do Sr. Garrett ácerca da poesia popular, ressuscitou em nosso peito um nobre desejo, ha muito adormecido, para que talvez as fôrças nos faleçam; mas para o qual nos sobejam brios e vontades. Folgâmos que a nossa humilde opinião possa encostar-se ao poderoso voto do pai, e creador da poesia popular portugueza, o A. do primeiro ensaio, com tanto louvor e esmero tentado n'este genero, no formosissimo poema da *Adozinda*. Folgâmos que no instante de lançar mão da penna para mandarmos ao publico uma nossa tentativa de poesia popular, encontremos no caminho a decipar-nos os receios, e a animar-nos o arrojo, com seu generoso convite, o homem cuja litteraria opinião é lei para nós, e cujo delicado escalpelo foi ha poucos annos, o primeiro censor e mestre de nossas humildes composições.

Concebemos a poesia popular como uma necessidade de todos os povos, como uma lacuna em a litteratura de nossos ultimos tempos. O verso endecasyllabo invadiu tudo, e as suas formulas magestosas e graves excluiam o singello, o engraçado, o meigo, o natural d'aquella nossa antiga poesia nacional dos trovadores, e menestreis; tão rainha na Hispanha, tão escrava, e quasi morta em nossa patria. Abalançámo-nos a fazer um ensaio no verso e poesia popular. Não nos atrevemos a vasar o nosso pensamento nos moldes creados pelo Sr. Garrett na sua 'Adosinda;' reconheciamo-nos sem força para a imitação de tamanho mestre. Ressuscitámos, ou antes creámos uma nova formula: o *solao*; e por ahi andam nos periodicos dos ultimos tempos algumas pequenas amostras d'essa nossa tentativa. Vimos depois o novo ensaio do Sr. Pisarro no seu 'Romanceiro Portuguez,' em que apparece uma formula differente, talvez a mais chegada ao antigo rimance; mas tambem não ousámos imitar tão bom modelo; nem mesmo o nosso pensar intimo sôbre poesia popular se conformava com aquella forma, aliás muito acabada.

Fortes com a approvação de alguns decanos da poesia, e com o bondoso acolhimento do publico ás primeiras amostras do nosso *solao*, vamos tambem publicar timidamente o nosso *cancioneiro*, ou collecção de poesias n'este genero, que creámos. E ja tinhamos enviado a obra para os prelos, quando um *singular acontecimento*, que nossa modestia nos não permitte moralizar, nos levou a sobrestar n'aquella publicação, para dar logar á do nosso drama historico: *D. Sancho II*, que anhelámos *ardentemente* fazer conhecido do publico.

Não nos tendo atégora sobrado o necessario tempo para desempenhar a honrosa commissão de collaboradores d'esta REVISTA; tarde, mas devotamente, vimos agora estrear-nos de novo com este pequeno retalho d'aquelle nosso *Cancioneiro*, que abaixo transcrevemos.

BERNARDIM-RIBEIRO.

Solão.

CANTO I.

« Quem nascera ao pé do throno!
Quem fôra infante real!
Quem timbrar podesse o escudo
Com diadema imperial!
Quem offertar regia dextra
A Beatriz de Portugal!

Quero-te muito, senhora;
Hora má, em que te eu vi!
Nobres Paços da Ribeira,
Que jamais viera aqui!
Seres anjo, e não gozar-te,
E ter olhos... ai de mi!

Beatriz! ó Beatriz!
Seio mimoso de nata!
Beatriz, cobre esses olhos
Com veu espesso de prata,
Bem espesso, que me esconda
A formosura, que mata.

Negra estrella ca me trouxe
N'estes paços a velar,
Que importa ser cavalleiro,
Sentar-me em nobre espaldar!
Ca de longe vos lamento,
Singelesas do meu lar.

Que vim eu fazer á côrte!
De que serve ao trovador
Cantar venturas alheias,
E calar no seio a dôr!
Antes jogral co'as zagalas,
Pobre, mas livre no amor.

Quem nascêra ao pe do throno!
Quem fôra infante real!
Quem timbrar podesse o escudo

Com diadema imperial!
Quem offertar regia dextra
A Beatriz de Portugal! »

E Beatriz dizia assim
Ao seu caro Bernardim:

«Bernardim, quero-te muito,
Trovador;
Diz'-me outra vez essa trova,
Meu amor.»

—Torna a cantar Bernardim;
E Beatriz responde assim:

«Outra vez, mais outra, e cento,
Que desejo
Beber os sons do alaúde
N'este beijo.»

—E os dedos de Bernardim
Beijando, dizia assim:

«Para o real aposento
Prompto vai;
Quero que esposa me peças
A meu pai.»

Beatriz fallou assim;
Ja vai longe Bernardim.

CANTO II.

E no aposento real
Vai entrando o trovador;
A seu rei, e seu senhor
A mão beijou mui leal.
D. Manuel de Portugal
O silencio rompe emfim:
«Assenta-te ao pé de mim;
«E sê bem vindo, e bem ledo,
«Que vou dizer-te um segredo,
«Meu honrado Bernardim;

«Sabe pois que a filha minha
«Hoje mesmo vou casar,
«E da patria desterrar
«Para Italia, Coitadinha!
«Tanta galla, e louçainha,
«Que por'hi se faz assim,
«Sabe que é para este fim;
«E tu, meu dom trovador,
«Has de cantar seu amor;
«Não has de, meu Bernardim?

«Tu seu mestre tão leal,
«Mais que mestre companheiro,
«Terás pezar verdadeiro
«De sua alma angelical,
«Não é certo, dom jogral,
«Que toda a magoa tem fim;
«E consolando-me a mim
«De tão mofina saudade,
«Darás penhor da amizade,
«Que me tens, meu Bernardim?...»

E por diante
Elrei Manuel
Ia levando
Seu aranzel;

—Quando attenta o mesquinho que em vão
Interroga a mudez do salão:

Que Bernardim ja vai longe,
Vai ja longe Bernardim,
Caminho de negra sina,
Caminho de negro fim,
Caminho do desengano
Da traição d'um cherubim.

—»Ai, negro fado,
Triste de mim!

Ai, negra trova,
Que eu lhe cantei!
Negros amores,
Que esperdicei;
Maldictos paços,
Maldicto rei!

Maldicta dama,
Que paga assim!
Ai, negro fado,
Triste de mim!

Eu, que a adorava,
Eu, tão leal!
Ai, o seu rosto
Angelical!
Ai, os seus olhos!
Ai, o meu mal!

Traidores olhos,
A olhar-me assim!
Ai, negro fado,
Triste de mim!«

CANTO III.

Eu podia nas mãos esmagar-te,
Ó mulher com teu peito de lama!
Atirar aos baldões do palacio
Minha affronta na tez d'essa dama!

Eu podia apontar-te c'o dedo,
E fazer-te essas faces corar;..
—Eu não posso;.. feliz vai senhora;
Tu não ousas, não sabes amar.

Eu ca fico a suspirar,
Malfadado trovador;
A gemer, porque não sentes
Um amor qual meu amor,
Qual meus transportes,
Qual minha dôr.

Nas velhas serras de Cintra
Eu ca me fico a penar,

Nas mouriscas penedias
De saudades a estalar,
Vai, bella dama,
Vai-te folgar.

Tu não tinhas coração,
Que intendesse o meu amor;
São de fogo abrazam tudo
Ternuras do trovador,
Poupar quizeste
Teu fino alvor.

Pertendias que eu subisse
Para o teu solio real;
A descer não te atreveste
Para o meu berço natal.
Pobre coitado!
Pobre jogral!

— E muitos annos assim,
Trepado á serra sem par,
C'os olhos fictos no mar,
Cantava Dom Bernardim.

CANTO IV.

Onde vais, dom perigrino,
Encostado ao teu bordão?
— Vou-me a Roma, ao Padre-sancto,
A fazer-lhe confissão.

Porém caminho de Roma
Não, não segue o perigrino;
Passa os Alpes, mas as costas
Eil-o víra ao Apenino.

— Eis o duque de Saboia,
Eil-o está no seu eirado.
« — Quem é esse perigrino
De semblante macerado? »

— O romeiro é portuguez;
E a duqueza se alegrou.
— « Suba, suba aos nossos paços,
Em boa hora chegou. »

A DUQUEZA.

Oh! que é feito de meu pai,
Do grande rei, Dom Manuel?
Que é dos meus? da minha patria?
Da minha amiga fiel?

O PERIGRINO.

Eu não vi a tua patria,
Eu não vi o rei Manuel,
Eu não vi por esse mundo
Ninguem, que fosse fiel.

Sou um homem, não sei d'onde:
Sou um triste perigrino,
Pendem-me as cans, onde outr'ora
Bellas tranças d'oiro fino,
Pendem-me as cans; — e eu perdoo
A quem mas fez branquear,...
Eu perdôo a quem me mata
Com tão mofino matar.

Senhora minha, quem sou
Oh! ninguem saiba de mi...
Eu não pude morrer la,
Eu venho morrer aqui.

E cahiu no pavimento,
Onde tudo estremeceu...
E ja não lhe bate o peito,
O peito, que alli morreu.

— Era o martyr das saudades,
Malfadado Bernardim;
Era o trovador da serra,
Oh! um poeta... ai de mim!

J. Freyre de Serpa.

BIBLIOGRAPHIA.

MEMORIA HISTORICA sôbre a fundação do hospicio da invocação de Nossa Senhora da Divina Providencia, o qual pertenceu aos clerigos regulares theatinos: actualmente CONSERVATORIO REAL DE LISBOA. — Pelo abbade A. D. de Castro e Sousa.

502 O Sr. Abbade Castro, incansavel investigador das nossas antiguidades, acaba de publicar esta interessante memoria, na qual, com o criterio e bons documentos que em todas as suas obras se reconhecem, faz a descripção historica e artistica do hospicio, vulgarmente chamado dos *Caetanos*, hoje occupado pelo Conservatorio Real de Lisboa.

Uma casa que foi o seminario e residencia de tantos sabios e escriptores da nossa terra, e onde se finou o mais benemerito extrangeiro que jamais teve a lingua portugueza, o sabio Bluteau, bem era credora da homenagem que o Sr. Abbade Castro acaba de lhe tributar, fazendo reviver a veneração que lhe é devida na memoria que temos a satisfação de annunciar, e recommendar como é razão.

Tambem não é menos digno de se louvar ao illustrado auctor, a philantropica applicação que fez do producto d'este seu escripto, para vestir dous alumnos dos mais pobres que frequentam as escholas do Conservatorio real, e que effectivamente já foi entregue n'aquelle estabelecimento.

ASSOCIAÇÕES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS.

GREMIO-LITTERARIO.

503 Esta associação reuniu hontem (31). A assemblea foi luzida e numerosa. Presidiu o Sr. Fonseca Magalhães. Approvaram-se os estatutos que são realmente um trabalho completo e importante, dignamente elaborado. *O gremio* será dividido em seis classes: sciencias physicas e mathematicas, Ingenharia e arte militar, historia-natural e suas applicações, medicina, sciencias moraes e politicas, litteratura e bellas-artes.

BELLAS-ARTES.

DESENHO.

504 Acaba de sahir das lithographias portuguezas

uma obra de muito lustre para ellas; é o retrato do joven principe do Congo, D. Nicolau, devido ao lapis do Sr. Guglielmi, e tirado nos prelos lithographicos do Sr. Manuel Luiz.

O processo empregado pelo habil retratista é do melhor effeito. N'este processo os claros resaltam puros, mas sem que firam a vista porque harmonizam com o *todo* por meio de suaves meias tintas. O desenho é delicadissimo: o rosto está excellentemente tractado, e as roupas e mais accessorios desenhados com primor.

MUSICA.

BIANCA DE MAULION, *Opera do Sr. Arroio.*

504 Sr. *Redactor* — Com bastante sentimento acabo de ver no n.º 39 da REVISTA de 19 de março, um pequeno artigo, sobre ésta opera; e permitta-me a illustrada Redacção que note as inexactidões que encerra, e que foram de certo copiadas do artigo que, sobre tal objecto, appareceu no *Periodico dos Pobres* d'esta cidade. *

Um tal artigo é parcialissimo contra o mérito da opera, e incerra em si o *veneno da inveja*, contendo não so inexactidões mas até falsidades. Seja-me licito confessar que a inveja é characteristica entre portuguezes. Infelizmente para o Sr. Arroio é elle portuguez, e subjeito por isso aos effeitos da inveja dos seus patricios. É falso que a opera contenha *muitos motivos conhecidos*, ninguem que a escutar notará *um unico*, ao contrario encerra muita novidade e motivos lindos e de grande effeito: como são as cabalettas da aria do baixo, e cavatina e aria da dama; a do terceto etc. A opera é sim um pouco extensa; mas dous motivos foram de certo a causa d'isso: primeiro o folheto, producção de um curioso, e ao qual teve de cingir-se o Sr. Arroio, talvez porque lhe não fosse possivel dispender de *seus limitados recursos* para pagar o preço de um folheto original: segundo o ser a primeira composição, que de ordinario encerra os muitos pensamentos de qualquer auctor: e se cortar duas ou tres repetições, no decurso da peça, no mais so se encontra *abundancia* de musica, a que nunca chamarei *deffeito*. A opera é bella e muito agradavel; o que se prova porque agrada ouvida immediatamente aos Lombardos e Hernani de Verdi: *não é um ensaio que dá grandes esperanças do Sr. Arroio*, é uma peça que lhe obterá um nome, como compositor, em qualquer parte que seja ouvida. Até se nota, como deffeito, que é de grande fadiga para a 1.ª dama!!! como se a Norma e outras o fossem menos. Emfim a Bianca de Maulion é escripta no gosto de Verdi. Terá deffeitos, não o duvido; mas esses que lh'os analysem os intendedores, e sejam francos em dizer *quaes elles são*, e se acaso contrabalançam as muitas bellezas e merecimento que incerra. O publico avaliou-a competentemente. Espero que ella não morrerá no theatro d'esta cidade, e que será repetida nos theatros da Europa, e ouvida com gôsto, porque o merece: e se fôr á scena em San'Carlos, executada com o esmero com que o foi n'esta cidade, não duvido que será classificada como A MELHOR PRODUCÇÃO PORTUGUEZA, DA SUA ESPECIE, ATÉ HOJE CONHECIDA.

Faço éstas curtas observações, porque estando em contraposição, a opinião publica com a imprensa periodica dos *Pobres* e da REVISTA, poderá isto affectar, e muito a fama do Sr. Arroio: e cortar talvez, no seu começo, a brilhante carreira que aquelle Sr. encetou. É por isso que rogo á Redacção da REVISTA a publicação da presente carta, em abono da verdade e auxilio do *merito nacional*.

É indispensavel dizer que nunca fallei ao Sr. Arroio, nem lhe devo favor ou amizade porque não sou professor: mas sim um simples amador de musica.

Porto 24 de março de 1846. *Y.*

* Effectivamente tem razão o correspondente da REVISTA. Na impossibilidade em que eu estava de avaliar por mim proprio a composição do Sr. Arroio, e querendo dar noticia d'esta producção nacional, disse o que me pareceu deprehender-se dos artigos a este respeito publicados no 'Periodico dos Pobres no Porto'; estimarei porém que a opera do Sr. Arroio tenha mais subido merito.

Da Redacção.

VARIEDADES.

O MEZ D'ABRIL.

505 O signo d'este mez é o *toiro*, o mais util dos animaes da terra. Tambem é este mez o mais bello dos mezes do anno. O nosso astronomo, pelo menos, crê na benigna e poderosa influencia d'este signo. Aqui está o que elle diz dos que nascem em abril:

N'este signo, generoso,
Forte, o homem hade ser:
Mãi fecunda, terna esposa,
Quasi um anjo é a mulher.

Á vista de tam bom prognostico é de crer que não morra solteira nenhuma senhora que tenha nascido em abril. Eu, decerto, que se houver ainda de ter a fortuna de merecer companheira que me augmente os meus prazeres e com quem reparta as minhas penas, não escolho para consorte senão senhora que tenha nascido em abril. Não ha que duvidar; é o mez das flores, a mulher é tambem uma flor, mimosa e linda como ellas, hade ter a mesma innocencia, as mesmas gallas e incantos.

Tem abril 30 dias, e crescem elles n'este mez 1 hora e 10 minutos, 35 minutos de manhan e 35 de tarde. O seu maior dia é o último que tem 13 horas e 44 m. e em que nasce o sol ás 5 h. e 7 m. e põe-se ás 6 h. e 53 m. A sua lua começa no dia 25 e acaba a 23 de maio.

Este mez é de muito trabalho para o agricultor. Além do grande amanho e sementeira d'hortas e jardins, ha tambem trabalhos agriculas em grande escalla, tractamento de gados e colmeias etc.

Com mez tam alegre do anno, os antigos não tinham mãos a medir com suas festas e foiganças. Levaria largo espaço a dar relação d'ellas, mas falta-me o tempo para colligir todas. Fallarei das principaes. Uma d'estas por sua singularidade (como festa que como facto ve-se isso todos os dias) era a que os gregos celebravam com o nome de *hybristica*. N'esta festa tinham as mulheres liberdade de insultar seus maridos a seu bel-prazer, e parece que usavam completamente d'este costume extravagante vestidas d'homem. Diz-se que tudo isto era em memoria de certa defensa que fizera a cidade d'Argos contra o rei d'Esparta, em que as mulheres se portaram corajosamente e os ho-

mens nem por isso... A desforra era ignominiosa mas merecida: aviso aos homens poltrões. Havia tambem as *thargelias*, em honra d'Apollo e Diana. Os mysterios de Ceres ou festas d'Eleuxis, eram tambem n'este mez. Homero diz que éstas festas magníficas foram instituidas por Triptolemo filho de Celeu a quem Ceres ensinára a agricultura. Sem que eu intente apiar o venerando Homero da sua pianha dos quasi tres mil annos, parece-me comtudo, apezar da sua auctoridade, que quem instituiu os mysteres de Ceres na Grecia foi a estação e o clima. Quem ensinou ás aves a cantar para os poetas dizerem que ellas celebram a primavera? Foi a natureza, que n'este tempo de fecunda florescencia dilata a vida e as fôrças de todos os seres. O que ha ahi mais capaz de dar refrigerio á alma nas penas, maior suavidade de expansão em seu estado ordinario, mais grata melancholia nos momentos de doce prazer, que a vista dilatada dos campos floridos? Não ha ahi satisfação de quantos gostos a alma possa ter, que seja completa sem o respirar longo e desaffogado ao ar livre em paizagem verdejante. A alma como que se nos dilata dentro em nós, parece querer identificar-se com os objectos que a cercam, abrangel-os todos ou voar para elles... Mas deixemos isto: serão talvez reminiscencia do bello artigo do barão de Humboldt *sôbre o estudo da natureza*, que o leitor leu ou não leu (pois se não leu não fez bem) no n.° antecedente da REVISTA, serão; mas são tambem verdades reaes que nada tem de poesia senão na fórma de as dizer e para quem lh'a sabe dar.

Não haverá remedio senão completar o quadro das festas da Grecia, n'este mez aprazivel que era para os poeticos gregos o mez de mais folgança do anno. Em Athenas celebravam com todo o estrondo a festa das *Plynterias*, em memoria d'Aglaura, filha de Cecropos, que foi transformada em pedra por Mercurio, por ella não consentir que o maganão do Deus intervenideiro (como diriam os nossos bons classicos) fizesse certa visita a sua irman Hersé. Havia tambem as *Canephorias* em honra de Baccho ou de Diana, ponto digno de ser averiguado em mui erudicta polemica se os theologos do myrtho tivessem tam exemplar paciencia como ja tiveram, n'algum tempo, os theologos christãos.

Este mez começava em Roma com uma festa muito linda que não haverá certamente um so leitor da REVISTA que não quizesse ver muito do seu coração. Ora, eu lh'a conto. No primeiro dia d'este mez não se fallava em Roma: mas ajuntavam-se todas as senhoras da cidade, que segundo a tradição eram muito bonitas, lavavam-se em pleno ar debaixo das arvores de myrto, coroavam-se com as folhas d'elle e offereciam a Venus um gentil sacrificio. As donzelas pela sua parte, as que estavam para ser noivas, faziam tambem uma festa mais particular, com o seu sacrificio tambem acompanhado de suavissimas fragancias e perfumes... Aqui está a razão porque n'este dia se não fallava em Roma. Ha tanto curioso, e sobre tudo tanto indiscreto...

Celebravam-se tambem n'este mez os jogos *megalesienses*, os mais antigos de Roma, e os jogos *ceraes*, que duravam muitos dias e em que havia brodio e festins que era um nunca acabar. Havia tambem a festa chamada *equiria*, no grande circo, onde se lançavam muitas raposas carregadas de palha a que se deitava fogo, e as raposas corriam muito com grande applauso e gôsto do povo. Havia tambem as festas *floraes*, lindas como as flores; e muitas outras, entre as quaes uma tal a Venus Ericina, que sería muito para ver mas não é para contar...

—

EPHEMERIDES.

16, As côrtes dos Tres-estados, reunidas em Thomar, juram Philippe II de Castella rei de Portugal (1581) — 20, Segundo cerco de Diu (1546) — 22, Elrei D. Manuel é jurado principe herdeiro da coroa d'Hispanha (1498) — 24, Pedro Alvares Cabral descobre o Brazil, da-lhe nome, e toma posse da terra em nome de Portugal (1500) — 25, Solemne coroação de D. Ignez de Castro como rainha, depois de defunta e enterrada (1361) — 29, Outorga da Carta-constitucional (1826.)

CORREIO EXTRANGEIRO.

506 Donizetti escrevia ao mesmo tempo tres operas em Paris quando adoeceu: uma era para o theatro de Drury-Lane, em Londres, outra para o theatro-italiano de Paris, e a terceira para o theatro de Vienna. A saude do insigne compositor dá serios cuidados: ao presente acha-se na Italia em tractamento.

Parece que chegaram a Hispanha varios ingenheiros inglezes destinados a estudar o rio Ebro, com o fim de o tornar navegavel.

Acaba de se estabelecer em Madrid um instituto dramatico com o nome d' 'Academia-real de musica e declamação.' Este instituto tem tambem um jornal no qual fez annunciar que comprará as peças originaes pelo que for ajustado, e além d'isso dará ao A. 6° de cada representação, sendo a peça de 5 actos, e assim decrescendo. A companhia do theatro d'este instituto compõe se de 23 actrizes e 27 actores, e tem demais um corpo de baile.

A companhia do theatro-italiano de Paris foi toda escripturada por 56,000 duros para dar trinta representações no theatro do Circo em Madrid.

Nos theatros de Berlim executaram-se no anno de 1845 — 133 operas e 155 danças. As operas novas foras apenas, *Os Cruzados* de Spohr, *Catharina Cornaro* de Lachner e *Stradella* de Floton. Todas as outras operas foram repetições.

Construe-se em Londres, em Leicester-square, um novo theatro de declamação que deve começar os seus trabalhos n'esta primavera. Muitos capitalistas tem auxiliado o empresario, e ha grandes sympathias publicas por este novo estabelecimento. Tambem se falla em crear um segundo theatro italiano; mas é temeridade de que ninguem agoira bem. Parece que se cantará proximamente uma nova opera italiana em Londres, composição de Verdi, o *rei Lear*, expressamente escripta para Lablache.

CORREIO NACIONAL.

507 A companhia das obras-publicas contractou a vinda de 200 trabalhadores belgas para as estradas e outras obras a seu cargo.

Segundo os últimos jornaes dos Estados-Unidos a importação portugueza em 1845 foi de 507,914 dollars (quasi 500:000$000 réis) e a exportação de 247,180 dol. Portugal e a Madeira fizeram o maior commercio, sendo a sua importação mais do duplo da exportação. as ilhas de Cabo-Verde exportaram sette vezes mais do que importaram; mas as dos Açores importaram nove vezes mais do que exportaram. Balanço a favor do commercio portuguez, obra de 220:000$000 réis.

Sabbado (28) era o beneficio do Sr. Miró no theatro de San'Carlos. O espectaculo corria quasi em meio quando as attenções do público se dirigiram para uma friza que acabava de ser occupada. Tinha entrado uma joven francezi sôbre a qual um rumor popular correu logo de ter havido uma tentativa de rapto na noite antecedente. As feições da interessante extrangeira são delicadas, os olhos pretos, o rosto macilento e sentimental. Effectivamente pelas 11 horas da noite de sexta-feira uma sege foi retida pela estação policial d'Arroios, em consequencia d'alguns gritos que se sentiram dentro: levava duas mulheres, a de que tractâmos e outra que parece que a conduzia inganada. O resto não é do nosso dominio.

Acaba de ser formada e legalmente approvada uma companhia com a denominação de 'Auxilio,' que tem por objecto tomar de administração ou arrendamento quaesquer casas constituidas em bens allodiaes ou vinculados. O capital é de 1,200 contos dividido em acções de 500$000 réis. São installadores e directores d'esta companhia os Srs.: Claudino José Carrilho, Luiz Teixeira de Sampaio e Antonio Pedro da Silva Pedroso. Querem algumas pessoas que o *latet anguis* do nosso parlamento esteja muito bem enroscadinho no artigo 6.° d'esta companhia, o qual diz assim:

«A companhia percebera por cada administração o premio que entre a direcção e os proprietarios, ou administradores de vinculos fôr convencionado; e além do mencionado premio contará o juro de seis por cento ao anno sobre todo o dinheiro que adiantar para mezadas, pagamentos de dividas, bemfeitorias de toda a especie, amanhos de fazendas, despezas com questões judiciaes e quaesquer outras etc.»

Eu não acredito em tal. A companhia é essencialmente boa, e o *latet anguis* não é coisa que se descubra facilmente: está onde está e não onde se diz.

Ensaia-se no Theatro-nacional uma comedia em 2 actos do Sr. Mendes Leal, *Quem tudo quer tudo perde*. Parece que a *Alva-Estrella*, drama do mesmo illustre escriptor, será a terceira peça que se represente n'aquelle theatro.

Necrologia. Temos a lamentar a morte de um distincto sabio e industrial, e muito bom patriota, o Sr. F. I. Pereira Rubião, bacharel em medicina, muito sabido em sciencias naturaes e sua applicação ás artes, auctor do *Vinhateiro*, de que a REVISTA ja fallou, e outros opusculos de grande importancia sôbre agricultura, etc. Falleceu no Porto em 25 do passado.

Estando a commissão do Asylo da mendicidade habilitada para admittir oitenta indigentes n'aquelle util estabelecimento, pediu como medida policial que sessenta d'estes fossem tomados dos mendigos vadios, cegos ou aleijados, que vagam pelas ruas. Effectivamente hontem (31) foram capturados muitos d'estes infelizes dentre os quaes se escolheu aquelle número.

O governo tem até hoje recibido quatro propostas para construcção de carris-de-ferro em Portugal. O praso do concurso para entrega d'estas propostas acaba em 18 do corrente.

Corre na cidade do Porto que alguns cavalheiros conceberam alli o plano d'organizar uma empresa para tomar conta do theatro-italiano. Parece que em Lisboa ha tambem quem tenha similhante idéa.

O *Gymnasio*, vai ser transformado em theatro de declamação com o titulo de 'theatro do Gymnasio.' Realmente é necessario fazer theatros para o povo, porque o de D. Maria II, será tudo que quizerem, mas não popular.

Diz-se que em concorrencia com a companhia 'Auxilio' ha projectos d'outra companhia no mesmo sentido, mas offerecendo outras vantagens.

O commercio de Portugal com a Prussia em 1845 foi no valor de 42:181$326 réis d'importação n'aquelle paiz e 23:790$928 réis d'exportação. Os generos importados foram sal e vinho; os exportados foram aduellas e linho. O balanço a favor do commercio portuguez é de 18:381$398 réis.

A commissão de soccorros aos habitantes da ilha de Santo-Antão (Cabo-Verde), victimas da alluvião, acaba de remetter 80 mios de mil o. 20 de feijão e 100 patacas. Os donativos ainda continuarão.

As noticias dos Açores alcançam a 12 do corrente. Em Ponta-Delgada organisou-se uma nova companhia para o commercio de laranja. Estava estabelecida n'aquella cidade uma bibliotheca-publica. Tinha-se achado finalmente o remedio contra o insecto devorador das laranjeiras, que ultimamente se havia propagado muito com grave damno dos proprietarios: é uma applicação d'azeite doce, alcatrão e flor d'enxofre, misturados. Os temporaes n'aquellas ilhas teem sido muitos e continuados. Na ilha Terceira calcula-se em 8,000 caixas a laranja destruida pelo tempo; até 18 de janeiro havia exportado ésta ilha 26 262 caixas. Um navio carregado de trigo havia sido mandado d'alli á Madeira em especulação commercial; assim como de San'Miguel carregações de milho para Inglaterra. Na falta de communicação que as ilhas dos Açores sentem entre si, é digna de louvor a providencia acceita pelo consul inglez em Ponta Delgada, das embarcações inglezas se encarregarem da malla da correspondencia.